

Ermírio diz que assinaria editorial do "Wall Street"

Do serviço local e das sucursais

O editorial publicado pelo *Wall Street Journal* provocou reações de apoio e descontentamento entre empresários, banqueiros, autoridades e políticos. O superintendente do Grupo Votorantim, Antonio Ermírio de Moraes, por exemplo, afirmou, em São Paulo, que "gostaria de ter assinado esse artigo", ao lembrar que há três anos vem dizendo as mesmas coisas que o jornal. Mas lamentou, como brasileiro, as críticas.

Já o presidente do Grupo Gerdau, Jorge Gerdau, viu exageros nos comentários, destacando que é preciso dividir a culpa com os banqueiros internacionais. Uma opinião idêntica à do vice-presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos, Pedro Conde, que fez questão de recordar que algumas obras, como Itaipu, tinham de ser realizadas naquele momento. "E os banqueiros internacionais faziam fila aqui para emprestar dinheiro ao País, porque não tinham onde aplicar. Foi bom emprestar ao Brasil pois, com isso, livraram-se de um negócio pior: ter dinheiro sem possibilidade de aplicação". Ele admite que ocorreram exageros, mas "não se pode acusar o governo brasileiro de irresponsabilidade".

O vice-presidente da Febraban disse que as críticas foram inoportunas, "pois ocorreram no momento em que o Brasil definiu seu acordo com o FMI e já tem condições de renegociar em termos reais sua dívida, começando a solucionar o problema do endividamento".

Para o presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, o editorial do *Wall Street* não tem apenas um lado crítico — "pois nós também achamos que nem todas as obras feitas são corretas". E acrescenta que o mesmo editorial deixa claro que o Brasil tem condições de superar a crise, mostrando que é um país viável e "não está quebrado".

Já o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Pedro Eberhardt, acha injusto um jornal norte-americano manifestar-se de forma tão violenta, porque os Estados Unidos sempre encontraram no Brasil um grande parceiro comercial. "Além disso, não é só o Brasil que atravessa crise e a própria economia americana já se viu em dificuldades outras vezes."

RISCOS

"Ninguém obrigou nenhum banqueiro a emprestar dinheiro ao Brasil." Essa foi a reação, no Rio, do ex-presidente do Banco Central, Carlos Brandão, às críticas do *Wall Street Journal*. Como Pedro Conde, ele lembrou que se os banqueiros emprestaram "é porque queriam ganhar. E se queriam ganhar, sabiam dos riscos — tanto que cobraram taxas nesse sentido". Ele também não acha que o dinheiro foi aplicado em obras megalomaníacas, pois "foi graças a um extenso programa de investimentos em obras públicas e nos mais diferentes projetos que o País atingiu o nível de desenvolvimento em que se encontra".

Também no Rio, o presidente da Associação Brasileira de Bancos, Célio Borja, criticou o editorial. Para

ele, se existe um credor que não pode fazer esse tipo de acusações é o EUA, cujo déficit provocou brutal elevação das taxas de juros, arruinando os países em desenvolvimento. Mas admitiu que o Brasil também tem sua culpa, pois deveria ter revisto seus projetos na primeira crise do petróleo e quando se elevaram as taxas de juros no mercado internacional.

PARCIAL E INJUSTO

Por sua vez, o presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, disse que o editorial é "parcial e injusto", pois desconhece o aspecto fundamental: "que o Brasil utilizou o dinheiro na estruturação e modernização da sua indústria, hoje conceituada no mundo inteiro".

Em Brasília, fontes do Ministério da Fazenda lembraram o documento que o ministro Ernane Galvães distribuiu na última reunião do CMN, para julgar as críticas do *Wall Street* improcedentes. No documento, Galvães destaca que "a estratégia do governo tenta promover o ajustamento interno às condições adversas da conjuntura internacional". E que "as medidas adotadas têm produzido resultados satisfatórios, apesar das condições desfavoráveis da economia mundial". O documento prossegue mostrando as diversas medidas que o governo adotou para adaptar-se à conjuntura internacional e, por isso, os assessores de Galvães acham o editorial injusto, lembrando que o esforço de desenvolvimento brasileiro até a década de 70 foi feito às custas de poupança interna e que somente a partir do governo Médici, com Delfim Netto no comando da economia, as coisas começaram a ficar feias".